

DEVANEIOS DE OLGA
E OS MONÓLOGOS DO EU

Por Tarciana Ribeiro
2020

Microconto da constatação

De fato, valer um poema nem sempre é sinal de valer a pena.

Microconto da violação

Há mais coisas a se lamentar entre as coxas de uma mulher do que o murmúrio dos muros famintos e perigosos tenha dado fé.

Microconto dos desentendimentos

Eu queria viver o espaço da inexistência, já que dói tanto possuir consciência. Eu queria poder eternizar o silêncio, quando, por um segundo, tudo cai aqui por dentro.

DEVANEIO DE OLGA: O lapso

Tempo é lâmina. Sono é afago. Acordar no meio da tarde e lembrar que na ponta do teu nariz existia um cachorro e uma samambaia me traz o gosto amargo da inexistência. Não da inexistência de nunca ter existido, mas da inexistência de ter se desmanchado. Então, nos dois pontos que interligam as tuas sobrancelhas, também habitavam girassóis janelares e vapor no basculante do banheiro. As ruas estão lotadas. Transbordando. Se me lembro de ti quando passo o portão, tenha certeza: um corpo inteiro sem voz me acompanha nas avenidas. Teu corpo longe é três vezes maior que o teu corpo perto. Esmaga-me num grau indecodificável. Tua voz longe é ensurdecadora. A bolsa dos teus olhos é quente. E, de longe, também. Teus olhos de longe são inimaginavelmente maiores e me despedaçam porque estão fechados. Semicerrados, não. Completamente fechados. Voz não some mesmo. Ecoam todos os sábados de manhã os teus passos, aproximando-te do portão. Memória trai. Botas. E, por falar em lâmina, tomo vinte gotas a mais todo dia vinte e um de abril. Vez em quando, encontro contigo na esquina, tornou-se invisível, pego teu rosto no ar. Teu rosto impegável, teu rosto longe, e te pergunto: a minha ressaca de ti vai durar mesmo esta vida inteira? Quando a lua minguava, tenho a impressão de que tudo vai se quebrar. Então, cuido bem do esôfago. As coisas de dentro vibram de medo. Tenho menos medo da morte. Soluço. Ainda por cima, além dos móveis arranhados e a camisa no cabide, levavas também as minhas referências? Sempre te tive por bicho manso, mas nunca te achei bicho ingênuo. Os meses passam enquanto eu costuro a minha própria mortalha. E isso pode soar um tanto quanto febril e denso. São assim os calabouços. A minha distração é cuidar da carne viva que todo dia sangra. Todo dia sangra. Todo dia sangra. Todo dia. Ademais, descobri: este é um sentimento tão velho quanto o mundo e eu não fui a primeira nem a última a cair no abismo das coisas que nunca acontecem. Gargalho muito. O plano era meu. A ideia, tua. Tua curiosidade é má. Quem faz vencer a banalidade? Toca “Arrepiado” no rádio. Vibro nas coisas eternas e afáveis.

Microconto da redenção

As gotas de orvalho ficam doces de manhã.

Microconto do conceito

Então, pelo mesmo motivo que escrevo, não musico. Entre eles, todos musos, calada fico.

Microconto do tesão

Teu olho assim de lado, me olhando arregalado, arregaçá meu psicoestado.

DEVANEIO DE OLGA: O outro lado do olho

Aparadas as arestas e findados foram os questionamentos. Silêncio na multidão. Grito pra dentro e, entre os muros, deslizam as pernas. Queimo pouco, ardo muito. Bruta. Toque na cervical. Flor. O homem inquieto amansa na madrugada e fixa o olho do lado de dentro: na nuca. E some, some como os bichos. Homem bicho. Bicho homem. A estrada silenciosa e o viajante, taciturno. Nada mais? Silêncio no alçapão. Tão longe as miragens estão, que o tempo carrega agora outro significado, não o de calendário, o quântico. Um átomo e outro. Quando a fricção da pele faz a fricção dos cílios. Tua arquitetura era barroca, meu corpo era barroco. Dark. Dark e inteligível. Memória é conhecer. Inteligível. Bom adjetivo. Dou-me bem com os adjetivos. Tenho tempo para o que absorver e muito mais gosto do outro lado do olho. Aberto, sempre aberto. Escuro, quase sempre escuro. Meu corpo adapta-se ao espaço a ser penetrado. Tua retina é densa e morna. Teu olho é de quem morde pra tocar a alma. E toca. Olhando-me assim de lado, teu olho alerta meu psicoestado. Silêncio na comunicação. Dedo fala. Falam a língua dos dedos. Silenciosos. A boca é nada quando quer ser cautelosa. A boca é subordinada. Dedo e olho, as duas verdades. Ying yang nu e cru. Para onde vão as coisas não vividas? Então as coisas não ditas, todas elas, têm uma gaveta de coisas escritas? Começo a compreender que falo. E posso falar. Ou pela boca ou pelos dedos. Sei bem o som das cavalarias partindo às quatro da tarde. Falo com o olho também. Galopar liberta e cansa. Afasto-me da foice em contentamento. Confesso não querer achar a fonte de nada, não me cabe mais a vaidade dos homens, é através do delírio alheio que eu alucino. O meu silêncio inexistente do lado de dentro do olho.

Microconto do impulso

Matei a vontade, mas, só de sacanagem, ela sobreviveu.

DEVANEIO DE OLGA: Há luz fora da caverna

As cortinas outrora azuis balançavam, o frescor do vento chegava em minha pele sem pedir licença, sei, aprendi pouco a manter descrições imunes. Não tem como falar de uma coisa sem mencionar as sensações da coisa. Ainda te vejo de costas, desembalando a carteira de cigarro, atento aos carros e inclinando tua mão esquerda pra me puxar. Esquecia-te de que eu era a canhota. Jurei sentir ódio de ti muitas vezes. Não consegui em nenhuma delas. O tapa na cara foi forte, admito. Talvez eu precisasse acordar. Muitas vezes, acordo e tenho a sensação de inverdade, não de inconformismo, mas uma sensação que, de tão distante da realidade, torna-se absurda. És tu absurdo. Quase que te nomeio de outra coisa. Não pareces o que aparentava ser. Assim são as criaturas humanas, quase nunca são o que aparentam. Pensei estar equivocada o tempo inteiro. Eu nunca estive. O eremita sem rosto que aparece na hora turva ainda tem voz dentro de mim. Sou toda ouvidos quando o tato morre. Cabeça é gaveta. Mente é aroma. Não consigo ainda te perdoar, mas consigo te arremessar bem longe. E sei, reúnes todas as forças a fim de matar a culpa, na tentativa de ser feliz. Que culpa tens, logo tu, de apostar em voltar a superfície? Tens sorte, por aqui não há botes. Desconfiei de quando estava a me afogar, passaram dois ou três, deixei passar. Tenho eu essa mania infame de engolir muita água. Gosto de cuspir depois. Sozinha. Entre garrafas e manhãs de língua amarga. Entre lampejos de conexão com o oculto e a eterna busca por respostas. Criança. A criança ainda está aqui. Mais curiosa do que triste. Espelho é bom e fala. Poderia ser o meu lugar. Eu poderia tomar tais medidas. Embora eu honre os advérbios que eu pronuncie durante a jornada, admito. Sou cheia de pedaços reconstruídos. Há quem pronuncie Fênix, rio. Lembro-me de Luís: és flor de mangue, suportas as torrenciais enquanto vês a tempestade. Quero acreditar que eu também seria capaz de tal relapso. Olho as cartas e muitas vezes desejei rasgá-las. Não. Deixo que participe da biografia íntima e imortal. Gosto de saber que tu me destes o golpe fatal que transformou o antes e o agora em duas especificidades. Minha vida foi dividida em dois momentos. Quase enlouqueci. Oito meses se passaram e oito meses se passarão. Nunca acreditei em destino, mas, acredito: carma tem. Olho as cortinas hoje e recordo as direções do vento. Mente sob matéria. E, no entanto, é tão fácil ser arrastado. Tu fostes arrastado por ventos duros de assustar quem está em casa só. Maldita é a minha língua, admito. Ando muito admitida, confessaiva. Malditas também foram tuas ações e, nem por isso, há ódio. Invento palavras, mas todos sabem, não invento histórias, é difícil literar para crianças. Não tenho tanta criatividade. Tenho os olhos machucados e tenho visto inescrupulosos atos de busca de felicidade. Estão todos urgentes de fechar as feridas em si, não importam quais serão abertas no outro. Queria compreender a tua audácia de entrar e sair colocando uma pedra para que ninguém mais passe. Ouço o velho eremita novamente e quase suplico: deixe que passem! Parece não existir ninguém além de mim num oco dentro de um oco maior ainda. Tento a todo custo remover a pedra que tu

colocastes tão facilmente antes de deslumbrar-se na estrada. Essa pedra, que é tua, tu sabes o jeito de tirar. Não importa quão força eu tenha. Ela conhece teus dedos e o teu querer. Ouço vozes que querem ajudar. Muitas vezes perguntam se estou bem, se há distrações aqui dentro. Acabo rindo. O velho olha na minha cara e ri também, somos os dois tramando dia e noite. Acho divertido ter os olhos em cima dos meus. Ando vagarosa e de urgências só surgem as mínimas vontades de fala. Incontáveis são os nomes que tentam inutilmente remover a pedra. Não sabem que a total liberdade em estar perdida no oco do oco me fere ao mesmo que me alucina. Não quis lidar com nada além da dor. E, além do mais, sou levada a remover pesos sempre que há magia. Tenho os olhos úmidos. Estou velha e impaciente por dentro. Desejo que todos passem, embora eu brinque durante a estadia de cada um. Sempre que consigo sonhar, o velho me bota de frente contigo. Tua boca ri, mas teus olhos se perdem cada vez mais. E sabes disso. Desafia tuas próprias leis. Leis que nunca foram criadas por ninguém. O paraíso só tem poder pela existência do inferno, licença poética concedida. Acreditas que existem barreiras a ultrapassar e mil coisas a conquistar. Também acredito. Minhas barreiras no caso são as de dentro. Minhas conquistas estão dentro de uma rede no domingo de manhã. Meu sossego é visceral. Pusera-me na roda da liberdade e, desde então, sei muito mais o que não sou do que o que desejo ser. A noite é laboratório. As línguas e todos os seus códigos são meus experimentos. Do muito que me oferecem, rio de quase tudo. Longe de ser presunçosa, derreto-me com o acesso e o contexto e compreendo: é fácil ser encantada. Quando compreendo, tudo parece estar sem respostas, porque as perguntas desaparecem. É assim porque é. As perspectivas, de dois corpos que já estiveram conectados profundamente, ainda é diferente. Ser livre é não aceitar tudo. Sei que a pedra conhece teus dedos, mas teus dedos não são os únicos. Meu quadril largo é acostumado com espessuras. Descubro e comparo forças. No fundo, eu gosto de ter desencantado. Nem pretendo juntar os meus pedaços. Quero mesmo é experimentar todos os cortes e fazer dos dedos objetos de sutura. De tudo que foi enterrado no silêncio, sobrevivo pela retórica intenção.

Microconto de amanhã

Se o abraço é no bar, o falatório vai até a ressaca.

Microconto do ser esquecido

Cachorro morto na sarjeta vai direto pro céu.

Microconto do dejavi

Antes de escarrar na boca de alguém, vê se teu querer não é só o que te convém

Não vais ser covarde & precipitar na pele alheia uma cama de alardes.

DEVANEIO DE OLGA: Caminho do meio

De mim, espero cada vez menos. Aprendi que os dias são ligeiros e exigentes. Existir dói, carregar consigo toda a quinquilharia das lembranças... Confesso que faço testes cruéis, fecho a mão no vento e sinto a espessura dos cabelos de tua barba. O que escrevo vai para além da desunião, é melancólico e denso. Sinto que nunca mais fecho os olhos em total consciência de estado mais aproximado de felicidade. Sinto que estou leve depois que aprendi a conviver com a tua foto corroída pelo tempo. Tornei-me companheira fiel de mim. Enquanto fumo um cigarro e olho a noite, muito dificilmente dou-me ao desfrute de pensar em que taça a tua bate quando brindam, em como me alegro que já tenha aprendido a caminhar tão naturalmente. Que tranquilidade: a de saber que tuas memórias são construídas sem meu rosto nas imagens. O mundo ainda é o vasto mundo. Pequena. Sou pequena. Sou criança sentada no tapete analisando as arestas da casa para levantar. Meu coração, lugar limpo de andar descalço, às vezes, dependendo muito da lua, ainda chora. E fico pensando, olhando os semáforos e as luzes, em qual seja o problema dos paradoxos. Eu estou viva. Sinto-me assim. Sinto meus dedos. O olhar da criança me alegra. Juro que estou viva. Estou sim. Abraço a alma amiga, cheiro a boca do cachorro. Sinto a luz da noite. Minha garganta sente o café. Juro que estou viva. Levanto os indicadores enquanto danço. O coração está na ponta dos dedos. Sinto as pulsações. É lamentável sentir o que é a ausência de fato. O homem de olhos amarelos me disse um dia: saudade é sombra sem objeto. Exato. Reparo nas conjecturas, reconheço as memórias que se formam e tenho consciência: o relógio não para. Não conto mais os dias que levo pra que essa sensação acabe. Calma, sigo um caminho só.

Microconto da inquietude

Dentro da noite: agoite. Dentro da espinha ereta.

Microconto do desejo visceral

Debaixo de um sol tinindo, eu quero cerveja trincando, pois meu pobre coração já se cansou de desengano.

Microconto do subúrbio em horário de pico

Aqui na calçada, parada, ar em movimento. Eu não consigo ouvir. Eles não fazem silêncio.

DEVANEIO DE OLGA: Carta a ti.

Talvez a ilusão seja a prova mais concreta da realidade. A descoberta é o reconhecimento do instinto. As criaturas desejadas são realmente desejáveis? Vejo-me entre cínicos e perturbo-me. Onde, aonde a minha presunção vai me levar? Imploro por respostas outras. Como um jogo de xadrez, arremato todos. Não sei jogar xadrez. Dou-me direito ao ódio, dou-me direito ao castigo, também. Canso de exaustar-me: é possível estar exausta de estar exausta? Na espera, aprende-se o que diabos? Contenho-me. O mais esperto sobrevive, o mais esperto adapta-se. Há prisão pior do que aquela em que o inocente delata a si para salvar a pele dos lobos? Eu, que atendo ao telefone quando toca, que fui talvez leviana em mergulhar em uma piscina sem água. Eu, que talvez tenha insônias e saiba por que as tenho. Eu, que tenho tido problemas estomacais por conta de uns olhos, de um corpo tão distante, de um corpo de mulher. De um riso falso, que desperta nojo cada vez que compartilho o seu corpo através de outro. Que alma aprisiona o corpo que me destruiu? Pera lá, que não te entrego tudo, gosto de enfatizar a dor para que, no auge da minha bondade, eu não esqueça o que foi capaz. Eu, que sempre corri com os lobos, e que muito silêncio por medo de ausências. Eu, que a qualquer momento não me reconheço e tenho de pagar para voltar ao juízo perfeito. Eu, que há anos não precisava de pílulas, até que tu, num maldito dia, chegou ao meu terreno. Eu, que ri quando me chamavam territorialista. Eu, que tive tudo colonizado por teus malditos lábios, por tua pele fria, quente e desgraçadamente convertida em suor no meio das arquiteturas que te receberam às escondidas. Eu, que fui pisoteada quando entreguei o meu ouro. Quando dei minha confiança ao homem do porto. Eu, que julgo a mim como preciosa e a mim só resta a redenção do perdão, o ato heroico de perdoar. Eu, carrasca de mim. Eu, que acredito piamente nas palavras até que as ações sopram o vento. Eu, tão limitada e tão suja. Tão feia e vista de cima. Eu, tão socialmente inaceitável. Tão boba e mimada. Eu, que não sei o que se passa na mente dos homens e ajo como se sim. Eu, que me vejo agora como sou: dona de nada. Sem correções e desmedida. Eu, que tenho vontade de derramar o choro que engulo todo dia. Qual o castigo merecedor para aquele que caminha junto e é apunhalado? Continuar a caminhar com as feridas abertas? Ser amordaçado? Certamente. Esquecem-se de que não me adapto à dor alguma. Eu corro com os lobos. Sinto-me explosiva. Dinamite de mim. Desarma-me ou desama-me. Dou-te uma escolha, para que se livre da força da lua. No melhor dos casos, imploro para que não cruze meu caminho, Sáenz.

Microconto do sucateamento

A casa vazia não tem espaço pras lamúrias das batidas do meu coração.

Microconto do óbvio

Só quem sente falta sente quando a ausência está cada vez mais presente.

Microconto do afronto

A liberdade tem língua comprida, a autenticidade tem a vontade cumprida. Esta brincadeira de palavras mal ditas gera assunto na mesa de copo cheio e vida vazia.

DEVANEIO DE OLGA: Tarot

Abri o jornal enquanto colocava uma música. A varanda de Benício e a solidão deixavam-me livre. Vejo que estes girassóis estão vívidos, apesar de ser domingo. Vivo a fazer-me perguntas e logo a silenciar-me quando olho nos olhos dela. Há nadinha para escavar, não é? Não. Não há. Contento-me então em extrair do ódio uma espécie de tinta que nunca se apaga, faça chuva, sol ou revoada. Recordo as cartas de Fernanda, o sol há de brilhar mais uma vez. A desesperança é irmã da liberdade. Faço mil truques e parentescos com as sensações. Gosto de pensar que sou o pequeno Hércules. Criada assim pelos ermitões invisíveis. Neste dia 'vinte de um' não te trago farpas, apesar de mereceres ter o corpo rasgado assim como eu tive por tantas unhas. Nem te trago lágrimas, apesar de mereceres o rosto corroído pelo ácido sofrível que me deste como recompensa por tal zelo. Mas não, hoje não. Nem te trago flores, nem borboletas ou girassóis. Trago-te o dia e tudo o que nele coube. Tua camisa vermelha junto à minha camisa preta revelando entre as cadeiras da mesa 23 o reencontro: não é assim que dizias? Trago um brinco perdido e duas carteiras de cigarro: uma Hollywood e outra Carlton. Trago também a minha primeira constelação e tua bermuda quadriculada. Deixo que revise tuas botas e trago as sete fotos tremidas, mesmo que meu nome tenha sido escondido de todas. Quem escreve nunca sai de cena. Desilude. Sou teu rastro aonde quer que vá. Quem me lê agora? Se for uma delas, as do leque sulista, digo logo, não se apoquente. Não disputo. Queres também que eu não escreva porque sofres? Só lamente uma vez. Ao som do ridículo, lembro-me de tudo com riqueza de detalhes e até sonhei contigo. Acreditas que ainda fazes participação nesses sonhos? Acho-te ousado demais, és engraçado. Faz-me rir muito. Vejo que estes girassóis estão vívidos, apesar de ser domingo, e hoje quase não feri ninguém. Não é nem meio dia, recordo. O cheiro do café subiu pela casa. Tenho de lembrar Benício de comprar o açúcar e convencê-lo a hoje fumar Carlton e vestir uma camisa do Arcade Fire. Nem vermelho, Hollywood, nem mesa 23. Nem durmo do lado da parede hoje. Nem durmo.

Microconto da solidão

O desespero mora no coração de quem passa por tanta gente com o olhar perdido de solidão.

Microconto dominical

O coração assanhado. O batom desbotado. O cabelo de sal. O domingo nublado. Demaquilando a avenida central.

Microconto das sinapses vagarosas

Você não escuta o que meu olho vê. Você acha lindo e não parece saber que o tesão dos meus cílios grita, beija você.

DEVANEIO DE OLGA: Raio na torre

O silêncio nas horas corroídas inunda o salão perdido. Borracheira da torre, estou entre o invisível e o céu. Não fui concebida para a espera eterna numa sacada em ruínas. Revisito o presente deixado nas esquinas. Nem risos forçados, nem quadros interessantes, nem mãos de pincel, nem ventre nu, nem a carcaça morta e vazia. Tenho ainda o vento nas orelhas. Faço do salão vazio esporte. Abri as cortinas. Respiro o ar da escada do céu. Indago mais nada. Nem espero respostas a mais. O passado, roupa amassada, rasga com as traças quando esquecidas. Agora no mundo, as bocas e os cheiros e toda a pele invadem a outra pele. Pele. O cansaço é mesmo o vencedor. A esperança é a única que morre. Há metástase nas miudezas do caos. Infinitos estágios. Distâncias. Nunca quis o celestial. Sempre o real. O câncer sobrevive aos escombros de um corpo moído, ainda que a vida no corpo se esgote.

Microconto de agradecimento

A minha escoliose agradece a tua mão.

Microconto da denúncia

Meus olhos mudos falaram sem querer o que a boca viu antes de amanhecer.

Microconto do tesão II

Apanhei os cabelos do chão pensando talvez em como seria tê-los nas suas mãos.

DEVANEIO DE OLGA: Quando o bolor invadiu a casa

Concluo que o declínio não tem o gosto gentil de ser amargo. Meu amigo partiu há dois anos em uma navegação que muito me parecia segura, e era. Ao encontrar seus pertences pela casa, abstenho-me da visão. Vejo a roupa pendurada e, apesar do abandono, não consigo usá-la como pano de chão. Dizem-me as bocas aquáticas que o afago perdido mais fere que a liberdade sem resposta. O silêncio ensurdece, sim, meu amigo. Quando não falas, cospe nos ponteiros, penetra-os em minha face como imortal, deixando-me a revolta da ingenuidade. Certa noite, tive um pesadelo, segurei tua mão e beijei teus olhos, olhos insones, olhos de fome. Volto à varanda e admiro o alaranjado. Não és mistério, por mais que a boca que vos tenha falado seja doce, não és. És a tempestade prevista por mil raios soltos durante a estrada, eu que não vi. Acreditem no que quiserem.

Meu corpo é velado pela lua e pelo sol. Ninguém sente a morte além do que tem os sonhos asfixiados e os carinhos jorrados numa fonte qualquer pelas bandas do centro, onde tem um samba iluminado por um clarão amarelo, deixando as peles bonitas. Volto a sentir a maldita sensação no nariz. Arde. Repouso a xícara e, num rebobinar mental, principio falha nos nervos. A mágoa corre solta no coração. Assim começo, pelo fim, pelo início tem graça mais não. Conceber a ideia da desesperança por consequência de uma cegueira insólita me arremata.

Há em qualquer lugar magia, na superfície, a magia é gostosa, admito. Gosto da magia de sentir quenturas nas narinas, fricções na pele, olhos que se fundem na certeza do enlace para suportar a correnteza desta vida. És nó frágil que se quebra num sopro de deslumbre, deslumbras tudo. Faça como os grandes homens, enfie a estaca mor do esquecimento e deixe os escombros para os raios que me partam em mil. A certeza é de que o bolor invade a casa ao mesmo passo que as mãos me salvam. Vinte e um anjos percorrem meu corpo e, com todo o cuidado, mostram-me a vida, o céu, ainda que minhas pernas estejam apodrecendo e o coração pareça um grande coágulo a me arrematar... Como pode o meu amigo fazer da navegação estaca para furar-me o estômago e os olhos clamando por vida? Que fique claro, cristalino, chamei meu amigo como o cachorro que chama o dono com os olhos na estrada.

Os animais sempre sabem quando são abandonados, os olhos tornam-se opacos e vazios. Deixo claro também que todos temos desequilíbrios e tentei até o fim buscar cura sem afundar quaisquer seres outros. Desencantei da morte quando recebi a primeira carta do meu amigo. Ri de alaranjar os beijos e soltar os quadris. A segunda carta do meu amigo vinha no formato de um memorando, com muita diplomacia, enfiando a lâmina nas minhas entranhas. Perambulei pelas ruas em vertigens e sons. O cheiro é mesmo uma coisa maldita. Percebo carinho por esta palavra. O som da palavra é o que de mais fundo tocara a minha alma. Desesperei-me por curas fulgazes até que recebi outra carta.

Meu amigo escrevia cartas demais porque na verdade não sabia agir. As palavras só sustentam os gozos. Li a carta e vislumbrei: meu amigo certamente voltaria. Mantive as xícaras enfileiradas, as listradas que comprei numa dessas lojas sem nome perto da nossa casa. Não eram anônimas, todos os que por aqui passaram sabiam de quem eram. Eram. Verbalizar dói. Resolvi responder então às cartas, resolvi crer que o meu amigo voltaria e que o naufrágio é para navegações defeituosas, no seu caso, a navegação era uma fortaleza, eu ria por demais tomando vinho no convés enquanto meu amigo fumava um Camel. Quando fiquei em terra firme, não pude mais acompanhá-lo e, embora ninguém fosse substituível, todas as companhias provocam uma sensação. Lancei uma carta desesperada ao meu amigo, pois a sobrevivência é filha da coragem, e coragem tenho, mas tenho também o sangue quente e pressa de viver. Não obtive respostas.

Muito demorou para que eu entendesse que o silêncio é a resposta daqueles que não vão voltar, porque, por debaixo dos panos, fazem tudo para nem ficar. Em quem irás despertar a pureza de juntar os queixos e olhar pro céu agora? Constato que felicidade tem prazo de validade e eu deveria ter decência de escrever sem arranhar a mesa. O atendente não há de notar os destroços que se alojaram aqui. Sou agora, mas só agora, um depósito de fotografias, Camels e golds matinais. Sou o depósito de todos os cadáveres alegres a quem respirei tanta alegria pelas ruas da cidade vazia. Só agora me dou o direito ao declínio. Que o meu amigo aprenda com a morte das coisas lindas o que é a coragem de seguir quando o desejo é sincero. Agora vou sentar e fumar este cigarro velho.

Não se preocupem os amigos, enojo-me de piedosos olhares. Sintam-se todos lisonjeados de compreender através do experimento vivo o que é deprimir-se na ausência de outrem, estou longe de incendiar as cartas do meu amigo e de saborear as lágrimas, que fiquem calmos e sigam o prumo. A cicatriz de pele fina é minha, estou lidando com o gosto dos desaparecimentos. Um a um, vão evaporando todas as imagens: é o que me dá raiva, uma raiva medonha. Almejo ter a capacidade do meu amigo de desembarcar em qualquer porto e logo embarcar em outro sem colecionar numa caixa de sapatos as coisinhas que doem mais. Preciso primeiro não bater em nenhuma quina. Tenho apenas um pedido: que se cansem de meus escritos. O coração do poeta só para de escrever sobre aquilo que lhe mata quando o coração experimenta o sublime outra vez ou quando todo o estalo de dor é inteiramente corroído.

DEVANEIO DE OLGA: Tudo que se esvai

Nuvem de chumbo instalada no peito esquerdo às duas e quarenta e sete. O carro passa devagar na rua. Minha audição está perfeita, maldição. O nome não sai da minha boca nem da boca vizinha. Nos olhamos compreendendo. Coisa de menino, digo. Teu nome é verbo no gerúndio. Escorre entre as pernas o coração. Derreteste às seis da tarde, logo após o pôr do sol alaranjado. Vasculhei o banheiro da casa vazia e nada achei. Fluorantimônico. Derrete a fechadura, suplico. Não. Não vou te torrar inteira, pingo em teu coração, escutei. Dor. No espaço entre um riso e outro, permito-me senti-la. Estamos entregues à nossa própria miséria, constatou acendendo o último Camel comprado na tabacaria de um fascista. O vento não tem corrimão. Vejo catarse nos olhos dos transeuntes. Acontecendo assim, os olhos destacam-se. São sempre os mais mornos do ambiente. Então todas as coisas tornam-se inteligíveis e os poros inatingíveis. Há muito estou na estrada. Masco e cuspo. Sou a casinha de luz alaranjada surgindo como miragem no meio da tempestade. Então tudo era apenas o prelúdio? Farol na procela ainda não era a luz da salvação. Só mais um raio partindo meu corpo pra evolução.

Microconto do que eu queria te dizer em silêncio.

O verbo cala, a pupila dilata, no fundo de toda a linguagem, há vontade imediata.

DEVANEIO DE OLGA: Vênus em gêmeos

Carrego minha Vênus entre as vertentes nada intactas sob a concreta poesia. Acho mau gosto do tempo e balanço o cabelo suado da nuca. Toca "Arrepiado" no rádio. Vertigem. Penso no comportamento do cérebro perante às vaidades... Paraliso. O comportamento de minha pele tem anseios outros. Calor. Sorriso largo de exposta verdade. Quase não choro mais. Carrego meu sol na cabeça. Áries e rocha me refazem. Finco meus pés na terra quente. Sei tratar caranguejo desde muito menina. Como sem quebrar as patas. Água mãe. Chupo a carne. Carrego minha Vênus em azeite. A consciência aniquila a efêmera idade. É das divagações que retiro o íntimo do eu. Compadece-se o tempo de meus pedidos. Perecível tempo. Toda a turbulência tem data de validade. O sorriso da criança é mais maduro que o meu olhar. Observo. A sabedoria do silêncio não esconde nenhuma verdade vã. Ultrapasso o caos da direção oposta. Carrego minha Vênus pisciana para longe das dúvidas. Navego nas profundezas. Mítica. Na terra, caminho olhando o afastamento das coisas gloriosas. Dentro da pupila: fogo. Fricção. A luz nasce da fricção. Os opostos por vezes se distraem. Os gênios nada me impressionam. Instigo a correnteza do tempo. Que as vivências noturnas ensinem a epifania do contratempo. Conto até cinco. Nem de inocências são todas as esquinas povoadas. Há outros cruzamentos de outras esquinas. Meus dedos quase não doem mais, aprendi a voar. Carrego minha Vênus entre os becos ainda intactos de poesia. Talvez por isso eu tenha aceitado que... Há beleza nos escombros de toda travessia e o meu oceano, vi, é de imensidão...

DEVANEIO DE OLGA: Cruzamento Bonfiglioli e Poetisa Colombina

Casulo. Todas as ausências tornam-se inteligíveis. Ainda que faça da prosa poética a minha mensagem urgente, sinto mais certezas no meu silêncio emergente. Sou, de qualquer forma, não tão breve que possa passar despercebida entre as janelas de vidro da cafeteria, também não desapareço tão rapidamente, pois visto sinais bem mais além que a latitude. Perto do peito, sou bicho manso, longe do peito eleito, sou bicho insano. De arisco, tenho os olhos e sinto fome e cheiros. De meigo, tenho somente as mãos e os mesmos olhos que num golpe tocam por dentro, além da ponta do teu nariz, além do fio da tua barba, além da ponta dos teus cabelos pretos, toco por dentro da pele e da pupila. Ainda que faça da prosa poética a minha mensagem urgente, sinto mais certeza no meu distanciamento das coisas pungentes.

Microconto da nostalgia

O pior de desempoeirar a vitrola é arranhar os ouvidos escutando o vinil que tu colocas, ouvindo trilha de outra história.

Microconto do abandono

Fincaste em areias distantes certezas de dúvidas inférteis. No meu peito esculhambado, ecoam violinos desafinados.

Microconto da âncora

Desamparada à tempestade, convoco o tempo a meu favor. O tempo, amigo precioso, sussurra de cima dos céus, pendurado nas naus: é mais feliz quem mais amou.

Microconto do insight

O que dá sentido a vida é o elo, o encontro cósmico permitido no agora. .

Microconto útil para a biografia

Interrogo em silêncios e, mesmo só, lembro às ruínas: o meu coração é uma embarcação que nunca afundou.

Microconto do convencimento

João gostava de Maria que não gostava nem um pouco de perder José de vista.

DEVANEIO DE OLGA: Como as luzes apagam

Bem, olho a casa ao redor. Vejo a samambaia. Sento na poltrona marrom. Vejo também a dedicatória escrita pelo alguém real cujo livro tem a raposa como minha sábia "Que o peso da responsabilidade não mate a criança que somos no amor de cachorro". O cheiro da boca canina me vicia. Suspiro e olho a xícara. O bilhete encontrado na gaveta dizia "abra e delície-se". Lembro-me de Ofélia, rasgo os adesivos colados. A minha pintora do México zarpou. Espertinha, América do Norte. Penso em que esquina tu esperas a chuva passar. Sigo o que Voltaire disse. Dou-me o direito. Vejo a companhia, todas as companhias não têm face. A certeza é de que aos sonhos eu devo respeito. Mãos ágeis. Bem, lembro-me de que, definitivamente, o volátil me embrulha o estômago. Bem, não te peço mais nada. Deixe os meus versos serem livres, escorrendo na porta ou jogados ao vento. Bem, não aprisione a mim e os versos numa gaveta. Eu sou luz, eu não sou visita. Não colocarei uva passa no teu prato. Seja cordial à nova família. Fale menos e a ouça mais. Não me encontre, pois já faço parte do cheiro das ruas. Eu também sinto as gotas de chuva, bem. Leve contigo a minha não vergonha e o meu escracho e o diminutivo da cor que, por tanto tempo, tornou-se meu nome. Quase esqueci como se queimam papéis. Eu fico com as datas e o despertador que não tem a capacidade de me acordar. Não se esqueça de comprar cigarros no caminho de volta e que mulheres também gostam de cervejas amargas. Tenho de voltar a minha função mor: a solidude. Lapidação da consciência. Eu sou a casa que você perdeu a chave.

Microconto da procura e da oferta

Em tempos de difíceis caças, deixar à mercê quem cai do bico faz um monte de gavião feliz achando graça.

Micronconto da ironia

Quem tem medo do mundo real fica atrás da lente pra parecer desigual. Essa estratégia até funciona, se você fizer da plateia a sua redoma.

DEVANEIO DE OLGA: A casa silenciosa

Desconheço o tiquetaqueado que me trouxe até aqui. Exatamente há uma hora feia e morna. A casa de colunas cor mostarda tem a placa de "aluga-se". Pois bem, sem moradia, levanto agora uma casa vermelha, vermelho puro sangue do olho. O tempo é para-brisa, daí, quando a vista fica aguada, ele faz como no milagre das madrugadas: assim como traz a morte, traz a vida. O rastelo tem que parar de me assombrar.

-Ninguém é feliz deixando um corpo apodrecendo na estrada.

-Pequena criança, o corpo morto só incomoda a quem está perto. Esse carro já está longe, longe...

(Silêncio)

Como um trabalho de minúcias, observo a inconstância nas letras, sinto ânsias e flamejantes palavras estão pairando entre as paredes. Existe um caminho menos doloroso que o do conformismo? Que é o mais humilhante eu já sei. Creio, entre todas as atrocidades do universo, uma me incomoda mais: ter que me tornar aquilo que não sou para voltar ao equilíbrio. Catarse? Então, como posso permanecer com o potinho azul de cristal dentro do bolso em plena lotação sem precisar quebrá-lo? Que farei eu com os cacos? Sou mestre de cuidados, mas é que o sagrado ainda não me permitiu o dom da cura. Então, como posso permanecer batendo na porta sabendo que não há mais ninguém que abra? Existe um caminho menos doloroso e o mais ridículo é ter a consciência de que: sim, tudo vai ficar bem. A ironia é a mãe dos desamparados. Veja, eu que nunca quis arranhamentos, agora sei, depois de quedar, e mesmo não querendo e implorando lá de cima: me jogue, não. Sei, antes da morte talvez tudo tenha cura. Que hei de fazer eu na água gélida, sem uma voz humana, tendo o céu e o cosmo como oráculo de uma só pergunta...? Que hei de fazer, eu, aquela que anda sem rumo e sem riso, mas também sem medo, é que o medo faz parte do cuidar e, quando o cuidar é dispensado, dispensa-se o medo. Que hei de fazer eu, pobre mulher poeta que avista os dissabores e engole, mesmo que sem vontade, o sangue depois do soco. Que hei de fazer eu, além de fugir da ilustração colada no guarda-roupa e engolir o choro quando pegar o livro do príncipezinho e estocá-lo no armazém das coisas bem ditas? Eu vejo um farol no meio da tempestade, preciso me secar.

DEVANEIO DE OLGA: Abrir mão

Tão perto quanto o cheiro remete à lembrança é a voluptuosidade lacrimal ao ver fotografias. Tão perto e estranho ter de reprimir o bem eterno para libertar o bem efêmero. Acredito, pois, que exista algum lugar em outra dimensão em que as perguntas têm respostas e que o inconformado seja acolhido. Tão breve a vivacidade dos homens. Tão longe a percepção de cultivo. Nothing else matters toca na esquina. Escuto Paralelas ao menos cinco vezes ao dia, são as vezes que banho. Inácio me salva às 23:37 h. Guarde tudo numa caixa, faz assim, a caixinha da dor, ele diz. Isabel, o que você acha de publicarmos algo sobre a dor? "Olha..." ela diz antes de lançar o argumento. Lembro-me de alguém que não conheci. Adio lembrar a minha pequenez perante o universo dos sentidos. Eu quase compreendo os rumos, mas o sentido, pelo menos hoje, não. Talvez amanhã... Ou depois. Falamos de morte na sala 02. Setor 15. Posso perdoar-me pela morte. Jamais perdoarei as conjecturas e os sonhos. Eu vejo o homem e, em silêncio, consigo compreender as coisas óbvias. Eu não consigo pronunciar a hora do óbito, mas eu consigo lembrar o dia em que a praga se instalou. Tento fazer um trato com o espelho. Acostumo-me com a fragilidade da vida. Difícil é acostumar com o fato de abrir os olhos e não ver saída. Olho a lua e até avisto novas criaturas. Vou pintar o leque das possibilidades, torná-lo o mais importante desejo. Vã e solta. Como o diabo gosta e a Deus desagrada, mas perdoa. Chutar cachorro morto é tirar o prato de quem já tem fome. É falar "na volta, a gente compra" esperando que a criança nunca cresça. O amor, isso que se instala de mansinho e te engasga é subversivo aos vícios temporais. É como oferecer eutanásia a quem quer mesmo é que o amor viva e expanda. O vento está manso hoje, dia do óbito: véspera. Que o que é de acabar acaba mesmo é no fim, estômago pra matar não tenho, mas descobri que consigo ver morrer, e dói. Dobro os bilhetes das passagens e ponho de volta no bolso. Sei a hora em que o trem sai e, por isso, vou me entorpecer vinte e um minutos antes. É pra frente que as malas batem. Escuto Paralelas pela sexta vez.

Microconto do fogo

A máscara no chão pode ser usada outra vez e, assim, enganar outro coração, mas a máscara derretida, por azar, foi usada somente uma vez na vida.

DEVANEIO DE OLGA: O limbo

Certa manhã, Charlotte acordou de sonhos sublimes. O sol socava a sua face. O primeiro livro à esquerda socava o seu estômago. Tentou abrir os olhos, não conseguiu. Fez um pouco de força e levantou o corpo. Tocava Wake up alone dentro da sua cabeça. Os mortos deixam o legado do acolhimento. Levantou, pôs-se de pé, parada, como uma lembrança insólita, como uma página de antes de ontem. Caminhou até o chuveiro, avistou o balde, tremeu, caiu devagarinho. Assim, calada e febril, pôs os joelhos no chão. Deitou a cabeça na tampa do balde. Sentiu água quente escorrer entre a ponte que liga os olhos, caindo manso, do olho esquerdo pro direito, imaginou a lei da gravidade e lembrou a cena mais bonita que já vira: a lágrima flutuando em Interestelar. Voltou-se para a realidade. Seu estômago doía. Seus ombros tencionavam. Silêncio na casa. Vozes nas cartas. Não tinha mais gente naquelas roupas. O cabide era intocável. Lembrou que já vira um cabide intocável na casa de um amigo. Como vou me adaptar a uma realidade imposta sem meu consentimento, pensou. O tempo é uma coisinha frágil. O que diabos foi isso? Questionou. Não há dor tão inigualável para um cão do que ser abandonado por seu dono. O olhar úmido. A cachorra e as fotos ficaram com ela, as roupas também. A catedral e os carnaubais. O turbante de carnaval. A saia cinza e o copo de café. Eu quero acender o isqueiro e dar-lhe. O seu céu rachou. O chão abriu-se. O peso da cama é no travesseiro: uma tonelada. Distância, a aniquiladora das calmas. Lembrança, corte lento na alma.

DEVANEIO DE OLGA: Desmoronamento íntimo

Perdi-me. Estive a ponto de colher os milhos dos pombos para levar aos pombos que nada tinham. Fotografei em soluços a retina que rasgava por dentro. Ela tinha mãos finas e escabrosas. Perdi-me. Meu peito é um fractal que areja os ouvidos de quem se encosta nele. Acordei e, no mais tardar, nove da manhã, botei um pé à frente do outro. Eu caía em porquês. A pergunta ecoava. Agarrei-me ao balde no intento de amansar a dor. Fractal fechado é inerte. Perdi-me. Havia um bosque e um capuz. Peregrinei na inquietude do frio, do escuro refiz a nascente. Seca. Enquanto eu peregrinava no intuito de alimentar-me, sem que pudesse ser visto, uma rapina sonsa de olhos em formato de um V e nariz pontudo lambia a última gota. O milico não me apetece. O mítico sim. Entoava então cristais no meio do caminho e acionava a sabedoria anciã. As gotas de orvalho ficam doces de manhã, escutei. Escutei também uma voz íntima, era do homem que vive em mim. Ele também fala. O velho olhou-me com olhos de tranquilidade: abra o fractal. Mas é de vidro agora, respondi. Abra o fractal, ele insistia. Senti a mão fina e escabrosa saindo do lugar onde me apertava. Sentia que o vento invadia-me os ouvidos e resgatei dos males o amor. Coisa que se transforma noutra coisa e noutra... e embora ainda olhe para o balde, lembrei que tenho olhos gigantes. Onde os olhos veem amor a escassez não se instala.

DEVANEIO DE OLGA: Dos questionamentos

Supondo que os céus vibrem a presenças pomposas, calo-me. Deliro no simples, no muito simples. As vaidades fecham-me em copas manantropo. Ouço um murmúrio violento entre as colunas verdes. Verdes sutis. Verdes de quase esquecer. Abalo-me por pouco. É que de circunstâncias revolucionam o meu tabuleiro. O meu tabuleiro é manipulado por afirmações. Sim, sim, sim, por que não? A voz rouca e persuasiva diz. É sedutora a cigananice de ninguém menos que eu. Reflito e temo. Intercalo bobagens inteligíveis e assumo medos bobos. Tenho medo de faces porque as faces afetam o meu coração. Ouça bem: afetam. Entre sins e porquês, tudo o que penso vai por um trago acima do telhado. Olham as estrelas por outros olhos. Os olhos insones e canibais comem o âmago. O umbigo nu excita. Excita também o nada desnudo. O desnudo torna-se um absoluto banquete de coisa nenhuma atraente. Perduro-me com o olhar no umbigo e rio. Choro. Prego-me peças. Arranho o óbvio e saio. Se choro, meu choro amargo de criança não dura uma música, dura três. Dura três anos. Três bocejos. Bocejo. De cansaços, eu nunca me deixo vencer. Ultrapasso as geografias e suas inconstâncias, suas inconsistências magnânimas. Digo, digo tanto que, de dizer, sou toda uma gritaria inútil em absoluto silêncio. Aperreio-me no óbvio. Verbalizo futuros medonhos. Sinto cheiro de besouro. Vejo girassóis no fundo da alcova. A cidade, toda envaidecida, cospe em minha cara. Cospe em minha boca. Minha boca, distante, revela o átomo solto de não ser eu. Uma distante qualquer me fará falar, o dom da superfície é impressionar. Há um impostor esperando a falta física do eu. O meu silêncio é ensurdecedor.

DEVANEIO DE IRENE: Sobre as cortinas azuis

Depois de farejar, constatei. Faço dos perigos um alicerce imediato à consciência. Lembro-me bem de como os olhos espreguiçaram-se. A luz do poste era amarelada e contrastava à tua pele de criatura com penugem negra. Eu senti o inteligível. Ouve o solo da bateria? Por toda a parte? Sinto tremores ao ver a luz amarelada. Sou capaz de reproduzir o perfume de teus dedos úmidos, eu senti os teus dedos quentes. Corro na esperança de não ser mais invadida por lembranças arrancadas de um carma que não é meu. O meu refúgio é o passado. O passado permanece mesmo depois do presente desembulhado? As crianças quebram os presentes velhos quando é natal, os novos ventos pousam bem melhor entre as cores da parede da nova casa.

Microconto do alívio

Tua barba falha não afeta mais meu coração.

DEVANEIO DE OLGA: Arranhamento íntimo

Encontrar o âmago da coisa. Nutro grandes esperanças no âmago, ainda que prefira não. Ainda que todos os quadris enxerguem os meus olhos. Grandes olhos à frente. Perturbar-se. Disciplinar-se. Correr até Marte. Os vultos me puxam pelos cabelos. Não há perto descanso. Anseio o antes. Puxo pelas barbas o ontem. Puxam meu juízo, os ratos moram em ácaros próximos. Agito os pés. Os amores nascem no meio das pernas. As ilusões também. Quão fácil é para um cair do pedestal direto na areia movediça? A sensação entre as estrelas é de que o coração é espremido no tempo. Vento? Estou em queda livre. Faça um favor assim que me encontrar. Devolva a parte. A pequena parte. Vulcânica parte. Criptonita.

Microconto do não querer

Tua beleza me dá tristeza. Sou um homem sem destino, lamento sentado de frente à tua mesa.

Microconto do despego

De mau inquilino, coração desabitado. Aluguel não recebeu. Da rua se tornou, hipotecado.

Microconto do júízo final

Faço. E, de bem feito, há quem repita. Sem conclusão dos fatos, há confusão das linhas.

Nenhum é fato consumado antes de consumir a vida.

DEVANEIO DE OLGA: Sobre o desvio da poça

Aromatizadas as arestas dos pulmões, por quem? Avanços em direção ao novo? A saia acompanha o vento. O vento é frescor. Associações ingênuas. Pescoço nu. Há um medo em cada resposta. Engulo-me aos desequilíbrios constantes. Exalo manejo e quase nunca desconfiam do bicho insano. Pinica-me os olhos. Gosto de gavetas, escorrego no peso. A minha perna há muito não dobra. Há muito não acontece nada além do previsível. Histórias, sorrisos, memórias. Eu era cortejada quase sempre por coisas outras que nem de longe me fazem crer no sentido. Quando o riso é solto, a palavra inexistente. O coração cala e, por dentes brancos e brilhantes que iludem a mansidão, saem sons inesquecíveis. Adjetivava o efêmero por piedade. O meu cordão umbilical com o mundo era elástico e mais extenso do que eu imaginava. Penso. Às vezes, gosto das perturbações, os atos ampliam os fatos. Condeno quase nada, confesso. É que estou farta, Olga também. Quando o sopra faz da luz um breu, corro pro colchão. Tenho visões e, póstumas a elas, fatos. Os fatos perseguem meus sonhos. Faço-te perguntas entre os meus dentes, também. Por que você se encanta tão fácil? Arranho vitrines, mas não curo a cegueira. Eu persigo os rastros desfazendo o caminho. Agonizo na falta de verdade e no excesso. Tenho verdadeira aversão a excessos. Escrevo porque não caibo no espaço. Do todo, prefiro o canto. Não faço parte do ensaio.

Microconto do motivo

O que determina a ação é a forma concebida da ação.

Microconto do pêndulo

À esta luz do dia, nem sequer vi o teu nome. Martelo em tic tac o teu mau súbito. Por que some?

Época de equinócio. Sentia, com o passar da chuva, que, aos poucos, isolava-me à margem da multidão. Atrapalhava-me os passos todas as vezes em que distinguia uma voz diferente da outra. Tormentos insones. Sinto o espírito desagarrando o meu corpo. Quase nada é risível. Afrouxo as pernas e descanso. Esgotam-me as possibilidades da sobrevivência. Colo-me nos ombros do tempo. Quais são as cores dos dias são? Abre-se o leque urbano de possibilidades. O leque possui as mesmas dores. Cores? Não ouço o frescor do uivo há tempos... faltava-me escrita nos fins de tarde. Faltava-me a mim como o criador à criatura. Queria sentir a testa de Pedro novamente, eu tinha mãos seguráveis quando ainda não sabia o que era solitude. Eu desvencilhava os mistérios vis. Eu sou filha de uma galáxia roxa. Queria novamente poder ser raiz. A minha existência tornava-se inútil. A comunidade expurga aquele que não ri. Acenar eu conseguia, mas... rir? Não se sobrevive às truculências... Perdia a mão também nas pontuações. Resgatava através de eons a multiplicidade de mim e não me encontrava, exceto as vezes que me enxergava no outro. Olhos de guardar luz. Sentia desintegrar-me e me via obrigada a segurar todas as partes, com que ombros? Não sabia mais nem fazer o caminho de volta. A voz ecoava: não vêes que tuas perguntas não têm resposta? Fixava aflitos os olhos na terra através da janela. Algo me impedia de ver a resposta, eu estava no eterno retorno em busca no eu límpido...

DEVANEIO DE OLGA: O desconhecido lado de dentro

Revisito redundâncias. Sou de abatimentos certos e dúvidas cruéis. Celebro o assanhamento das areias e as palavras saltam-me os olhos. Olhares fixos trazem curiosidades. Quando vazios, aniquilidade. Beijo o silêncio quando os ouvidos, quase sempre carnívoros, querem mastigar-me o juízo. Os óculos quase sempre quebram. Sobrevivo nos arranhamentos. Ruínas de brilho lembram-me Marrocos. Poucos lugares. Muitas personas. Nunca entendi como funciona o tempo. Ontem fiz um cinzeiro de argila para dar ao vovô. Calendários muitos já foram para o lixo. Onde está o vovô? Matéria. Desmaterializou-se. O corpo desnudou o espírito. Quando me perguntarem o que é a morte, essa coisa de não avistar, responderei assim de agora. Quanto mais exploro, mais exalo olhos assustados "de onde? pra onde? por quê?" Rebato tudo em silêncio. Nada me conforma. Pouco me conforta. As gotas de orvalho ficam doces de manhã. Voz dela. Descobri que eu era de partes. Sentimentos. Eu era abstrata. Todos nós. A inquietude de não me apegar desnor-teou quando descobri. Eu tinha seis anos. Sentimento não é matéria. Desintegra-se no bolor das mágoas, do abandono. Eu queria resistência. Sou farpa. Sou de insistências. Morno, não. Desisto de falatórios facilmente. Acho-me incapaz por isso. A paz também não é matéria, recordo. A calma desintegra-se no tropeço da muleta. A minha intuição vinha de sonhos. Eu sangrava o tempo inteiro. Estancavam-me com abraços. Todos sujos. Todos puros. Nunca entendi como funciona o tempo. Talvez as pessoas sejam gavetas. Gavetas de poesia. Relógio ilusório. Ponteiros voando.

Microconto da consciência

Coração do outro é terra que ninguém pisa sem cuidado. Todo campo energético é também um campo minado.

.DEVANEIO DE OLGA: Cautela

De sortilégios, remendava-se no final do dia. Havia um dia em que muito mais se pensava do que quaisquer outros dias que já tinha vivido. Via-se feia e incompleta. Olga dançava para o fogo. Derretidas as pupilas de quem corre contra o vento, pode-se ser capaz de compreender a ligeireza das coisas oportunas. Falácias escoaram no corredor da casa 0515. Removedores de essências pareciam ter o vocabulário mais preparado. O vocabulário tinha cabelos cor de cobre ao meio dia. Prestava-lhe atenção primeiro nas mãos que falam por demais o que a cabeça embarça e perguntava-se sempre a mesma coisa: será tão difícil cuidar do desvio? Lembrou-se de Inácio e de seu fracasso: o desvio. Foi preciso o milésimo de segundo que Inácio indubitavelmente titubeou em qualquer assunto que fosse. Olga tinha os olhos em cima do presente e dormia acarinhando o passado. Pobre Inácio, uma flor o levava ao caminho sem volta. A flor e o inseto. Olga não ouviu uma palavra que fosse depois da pronunciada "própolis". Havia um resquício internalizado nas sinapses de Inácio que o fazia aderir à indumentária que Olga menos prestigiava: a da despreensão. A despreensão revela o ser e revela muito mais acima do que o mesmo imagina ter acesso. Acendeu mais um incenso e divertiu-se ao lembrar-se de Manoel, que não fazia questão alguma de titubear, o esperto tem a ilusão de que jorrar verdades a gargalhadas sutis, como quem as diminuísse, o fizera muito sincero e merecido de confiança. Pensou talvez que pudesse largar as semianálises e lembrou-se dos pragmatismos casuais. O mundo era demasiado enfadonho. Àquela altura, o silêncio já sabia abraçá-la. Ingênuas são as criaturas que se desviam ao se ver na poça d' água do caminho do meio...

HOMENAGEM À CAZUZA

CAZUZADA

E tão pouco queres saber?

obrigada
pelos dias de outono e pelos
dias de inferno

obrigada
pelo soco no estômago e
pelo cuspe no peito
muito obrigada, não nego

obrigada pelas doses corrosivas
e por ecoar *back to bad*
às duas da manhã de uma quinta-feira
humilhada e radiante na avenida

por bater o dedo na quina
e chorar igual criança
por sentar-me na esquina e transloucada gritar
muito obrigada

pelas cartas de mentira
e pela perda de tempo
pela consideração jogada no vento
muito obrigada

pelo vício maldito
pela tristeza entalada
pela garganta em soluço, pelo corpo ferido
muito obrigada

pelos copos divididos
pelos cigarros engolidos

pela saliva espalhada
muito obrigada

por ter me largado
igual cachorro abandonado
atropelada, chumbada
meu muito obrigada

por ter me deixado versos fatais
inconformados, mas originais
pelas noites in dope
muito obrigada

pelo vazio
pela mão solta
pela tormenta do abismo
obrigada demais

por me ensinar que a felicidade cessa
que a pele humana interessa
mais que olho irmão do cuidado
obrigada por rasgar com a boca todos os laços

espalhar as gotas do meu coração nos umbigos
e peitos
e bundas
entre gemidos

pelo riso distante
hoje muito mais inconstante
tal qual a efervescência
que acompanha a ti e aos teus íntimos navegantes .

pelos fantasmas
pelas camaradas
pela parede amassada
pelo olhar trocado na avenida sulista

muito obrigada

obrigada por foder muito com tudo
por desalinhar o prumo e ficar em cima do muro
nas interrogações surgem as criações
e, por isso, muito obrigada

melhorei a escrita
aprendi a flertar
sou teu orgulho de riso alto
sirvo muito mais pra amar

obrigada
por ter se mandado
agora escuto a mim muito mais

tens razão
nunca foste sublime
excitado pelo efêmero
você é perdido demais

obrigada por escancarar os portões
me fazer enxergar
que essa trama toda deu um livro
a editora quer lançar

obrigada por ter me ensinado
a jamais oferecer a outra face
pois o cruel é o velho mundo
porquê não tripudiar?

obrigada por ter me largado
sem eira nem beira
nenhum cuidado
e ter cogitado nunca mais voltar.